

## 1.3.1.

## Corpo, Género, Movimento e Educação

*A sociedade expressa-se pela diversidade dos seus corpos e pelos processos de construção cultural a que os sujeita. Todo o indivíduo apresenta sinais culturais no seu corpo, consubstanciando-se a individualidade no e pelo meio do corpo, por um processo de incorporação. Assim, o corpo transporta em si valores e experiências de uma realidade situada, da sociedade e da cultura onde habita, isto é, corporiza uma cultura.*

O culto do corpo tem um lugar particular numa sociedade que valoriza o parecer em relação ao ser e em que os cuidados com o corpo assumem preocupação dominante, tendo já sido apelidada de sociedade corporeísta, somática, ou somatófila onde o corpo é exaltado, amado e valorizado. Os valores associados ao corpo colocam-no num lugar elevado na hierarquia axiológica da sociedade hodierna, transformando-o em objecto de cuidados e desassossegos. Isto porque o corpo é o que temos mas também o que somos, é um instrumento e um objecto de prazer que para além de nos identificar, facilita ou embaraça nas

relações com os outros, concede ou restringe o acesso a espaços sociais.

E o corpo de cada, singular e próprio, para além da sua vivência somática e de ser sujeito a saberes organizados e normativos, é também um espaço de subjectividade onde o percebido se constitui em sentido. E é este valor particular do corpo, para além do comum e da taxinomia, que viabiliza a produção de mudanças.

O indivíduo pode optar, deliberadamente, por um processo que permita, através da sua aparência corporal, um reconhecimento de uma determinada identidade, sem ambiguidades ou versatilidades; e fá-lo através de marcas que imprime ao corpo. Estas devem com segurança afirmar que a pessoa é isto e, conseqüentemente, não é aquilo, embora

“ Cada sociedade tem o “seu corpo”, tal como tem a sua língua; e como uma língua, este corpo é submetido a uma gestão social: ele obedece a regras, a rituais de interacção, a teatralizações quotidianas; e tem igualmente os seus excessos, relativos a essas regras. ”

Michel de Certeau, 1982.

os significados e interpretações das marcas corporais mudem em função das culturas, da época e até da fase da vida da pessoa.

*A corporeidade corresponde ao conjunto de traços que dá conta do corpo como construção e realidade vivida socialmente.*

No entanto, vão surgindo novos modelos de corporeidade, regidos por uma tendência de desnaturalização do corpo, que o destitui do carácter predefinido e fixo e o coloca pronto a ser explorado, por ser volátil e inacabado, com sentidos e significações culturais e sociais<sup>1</sup> - não mais a idade cronológica é deduzida a partir das impressões que o tempo deixa no corpo biológico; não mais a definição sexual do corpo se cinge a uma visão dualista e a própria maternidade é possível de ser repartida (maternidade genética e a maternidade geradora).

Ao corpo é-lhe reconhecido valor expressivo como suporte de identificações diversas, o que implica que o indivíduo esteja consciente e activo na gestão, manutenção e controlo da sua corporeidade que, entre outras situações, lhe permite jogar com as codificações de idade e de género. As fronteiras antes tão bem demarcadas pelo corpo vivido e, fundamentalmente, pelo projectado, que revelavam uma determinada condição social – e.g. ser jovem, ser adulto, ser mulher, ... – estão mais flexíveis, inconstantes e, a qualquer momento, reversíveis. Os investimentos corporais são cada vez mais significativos, e o corpo escapa, engana e ilude, torna-se capaz de comunicar em mil línguas e de múltiplos significados: é perfurado, tatuado, aspirado, aumentado, penteado, rapado, colorido e bronzeado, adornado com mais

ou menos extravagância, sujeito a dietas ou vitaminado, é, enfim, manipulado ao sabor de modas, gostos e interesses económicos e sociais.

É privilegiada a visão do corpo como instrumento e espaço de significação que permita, pela leitura de símbolos categorizados, a identificação de uma condição social, de um compromisso pessoal e de uma atitude perante a vida e a sociedade. E isto implica o exercício de uma sistematizada vigilância sobre os corpos, não só a partir do exterior e por outros/as – pelo respeito a regras, códigos, condutas e preceitos – como por parte do próprio indivíduo que desde cedo aprende a examinar, controlar e gerir as formas, aparências e movimentos do corpo, de modo a que este expresse simbolismos e códigos que permitam a identificação de pertença a um determinado grupo cultural. Por isso, tende-se para uma incorporação efectiva ou projectada de investimentos corporais que constituem elementos simbólicos de comunicação com outros domínios sociais, expressando compromisso ou dissidência, integração ou contestação às normatividades prescritas pela sociedade.

## ***Género, corpos e identificações***

Não podemos ignorar que a única forma de conhecer o corpo é vivê-lo e experimentá-lo, porque nós somos o nosso corpo – não estamos para além dele –, e não podemos apartar, em algum momento da nossa existência, a nossa corporalidade. O ser humano é e tem corpo, realiza-se pelo ser no seu corpo e através de ter corpo, isto é,

<sup>1</sup> Esta questão articula-se com a performatividade do género, abordada no capítulo “Género e Cidadania”.

por uma instrumentalidade corporal que permite uma realização da sua existência eminentemente social.

Entre as demais imposições da sociedade, a pessoa tem de se identificar como masculina ou feminina e o corpo, actuando como o nosso primeiro cartão de visita, legítima pela aparência, pelas expressões ou pelos feitos que realiza essa identificação. Para além das formas e movimentos do corpo, os modos como este se relaciona com outro corpo, o tipo de contacto que desenvolve é uma construção bem distinta em homens e mulheres. Se para eles desde a infância os jogos e as actividades lúdicas proporcionam contactos de grande proximidade corporal em que o valor da força e agilidade é dominante, para elas as brincadeiras afastam-nas de contactos com outros corpos na base do poder físico. Parece ser, fundamentalmente, no espaço privado que elas constroem um corpo para o outro, mesmo nas relações de proximidade com outros corpos. E fazem-no não pela confrontação de corpos mas na ajuda a outros corpos, a tratar e cuidar deles, nas brincadeiras e ‘faz-de-conta’ com as suas bonecas.

O corpo joga um papel predominante na análise

“ Através de um trabalho permanente de formação, de ‘bildung’, o mundo social constrói o corpo, ao mesmo tempo como realidade sexuada e como depositário de categorias de percepção e de apreciação sexuanes, que se aplicam ao próprio corpo, na sua realidade biológica. ”

Pierre Bourdieu, 1990:11

dos requisitos culturais que são necessários para que o indivíduo seja considerado homem ou mulher e o modo adequado para o fazer é uma construção cultural que pode desaguar em vivências mais ou menos desagradáveis – as sociedades desenvolvem estereótipos de género, em que o masculino e o feminino são pensados em oposição, assentes numa estruturação binária do pensamento: um sexo forte e um sexo fraco, “um sexo-que-é”, modelar e dominante, e outro que existe precisamente porque “não é o sexo-que-é”, perspectivado em oposição ao primeiro. As mulheres e os homens são influenciados por padrões de género que, entre várias repercussões, determinam o modo como olhamos o corpo. Hoje, os homens parecem olhar os seus corpos enquanto projectos incumbidos de expressar a sua identidade e singularidade num contexto social e emocional que valoriza o ser-se diferente dos demais. Só que os seus corpos estão sobretudo implicados nouro tipo de projecto, o que regula uma masculinidade normativa,

A definição da masculinidade, como na de feminilidade, no e pelo corpo, é um processo social em nada imutável. Com efeito, o entalhar da masculinidade no corpo é um processo cheio de tensões e contradições. Por sua vez o corpo feminino parece ser um corpo condicionado pelos olhares que avaliam as suas formas, determinam os seus movimentos e enaltecem a sua harmonia e gracilidade; é um corpo auto-avaliado no olhar do outro. E continua a ser um corpo que dificilmente se dissocia de um projecto de maternidade, é um corpo que no seu percurso deve gerar outro corpo.

O corpo exposto ao olhar pode assumir funções de reificador das expectativas sociais. Assim, os corpos fortes e musculosos não se encaixam nos padrões femininos de corpo ditados pela sociedade, tal como movimentos suaves e amplos não são condizentes com a expressão corporal de um modelo dominante de masculinidade; e quando o parecer não se coaduna

à representação social de ser mulher ou homem, recaem sobre a pessoa juízos de valor preconceituosos e negativos, relativos à sua orientação sexual o que, provavelmente, se reflectirá, no mínimo, no seu estar social.

## **Corporalidade e educação**

Qualquer concepção educativa deve privilegiar o conhecimento e experimentação do corpo, que constitui uma oportunidade de educação e formação. No campo da educação, o corpo não só parece ser ignorado como consentido, com toda a condescendência que tal implica. A escola prima por uma pedagogia de abstinência corporal, ignorando as potencialidades de educar, formar, socializar a partir do corpo. Muita da teorização e conhecimento tende a ser incorpórea, distanciada das experiências do dia-a-dia da corporalidade, e a escola parece atender aos corpos no sentido da sua regulação, sendo evidente a sua displicência quanto à educação da corporalidade de alunos e alunas.

Com efeito, o corpo e o movimento têm uma valorização e uma apropriação pedagógica reduzida na escola, que se preocupa em controlar os movimentos dos corpos como se pretendesse educar seres incorpóreos. As disciplinas predominantes no currículo escolar exigem um corpo silenciado, contido no espaço da aula, ocultado entre a mesa e a cadeira onde deve deter-se. Algumas manifestações são permitidas ao corpo, mas de forma ordenada e circunscrita a situações pontuais, como sejam a entrada e saída da sala de aula ou as deslocações nesta. E até se concedem momentos para um corpo à solta, nos espaços

de recreio em que é a criança ou jovem que controla o corpo e seus movimentos, embora também aqui com alguns condicionamentos (de natureza institucional com actividades não permitidas nos recreios, de poder físico e respeitantes às hierarquias de idade e sexo no espaços, relacionados com os modelos sociais vigentes e a cultura lúdica tradicional). O corpo enquanto objecto de tratamento pedagógico só parece ocorrer nas disciplinas ou áreas não curriculares que contemplem a prática de actividades físicas e desportivas (como são os casos, nomeadamente, da Educação Física e do Desporto Escolar). Para além do desenvolvimento de hábitos de vida saudável<sup>2</sup>, a aquisição de técnicas culturais, entre as quais podemos encontrar as técnicas desportivas por serem técnicas de lidar com a corporalidade, constitui uma tarefa incontornável no desenvolvimento do indivíduo em idade escolar. O desporto pode ser definido como uma forma específica de lidar com a corporalidade, com um sistema de comportamentos corporais marcado por normas, regras e convenções sócio-culturais e assente nas condições anatomofisiológicas do corpo, mas sobretudo um fenómeno cultural polissémico e polimórfico.

## **Os corpos e o desporto**

Os corpos no e do desporto devem ser vistos em si mesmos e nos modos como incorporam as questões de género. As desigualdades e injustiças entre mulheres e homens patentes no desporto reflectem o que também está presente, com maior ou menor extensão, na sociedade em geral. No desporto, como em outras áreas culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos. A predominância do masculino no mundo do desporto tem raízes históricas, culturais e políticas e, embora

<sup>2</sup> Consultar o capítulo “Género, educação e saúde”.

cada vez mais homens e mulheres tenham oportunidade de praticar as mais diversificadas actividades físicas e desportivas, muitas destas continuam a padecer de uma estereotipização de género. Continua a imperar a noção de categorizar as actividades físicas e desportivas em função da sua adequação à prática masculina ou à feminina, subjugada a uma obsoleta tradição aristotélica de associar os homens às práticas mais activas (*princípio*) e as mulheres às práticas mais passivas (*elemento*).

A presença feminina tem vindo a ser lentamente tolerada numa prática desportiva concebida por e para homens. Esta tolerância que pode, numa análise flutuante e fugaz, ser percebida como um sinal evolutivo para a igualdade, subentende uma hierarquia de poder dado que só se tolera algo ou alguém que, de algum modo, consideramos inferior.

Impera ainda a falsa ideia da fragilidade do corpo das mulheres, como incapaz de desempenhos vigorosos, de jogar agressivamente ou de resistir a provas ou competições rigorosas, de mostrar ou exercer força, de se expor na luta e assumir riscos corporais. Aos corpos das praticantes das

modalidades vistas como menos adequadas às mulheres associa-se a ideia de perda de feminilidade, porque estes corpos alteram as suas formas, posturas e movimentos, afastando-os dos padrões vigentes na

sociedade do que um corpo de mulher deve parecer; e, por não parecer, duvida-se de ser feminino.

Pese a feminização das práticas desportivas ter aumentado consideravelmente nestes últimos anos e as prestações das mulheres

terem melhorado e serem mais competitivas, as atletas continuam a deparar-se com um preconceito social ambivalente que cruza o valor desportivo com a perda de identidade sexual – sendo mulheres não são tão competentes como os homens e sendo muito competentes podem deixar de ser consideradas mulheres.

Os rapazes, por sua vez, aprendem que a suavidade, a vulnerabilidade, a fragilidade e a incompetência motora e desportiva são atributos femininos e que devem ser evitados a todo o custo. Com efeito, nas práticas desportivas um rapaz ser comparado ou perder para uma rapariga parece constituir um insulto ao seu orgulho masculino.

*Nos I Jogos Olímpicos da era moderna (1896) as mulheres foram proibidas de participar, mas Stamata Revithi participou de forma não oficial na Maratona. Realizou a distância em 4h30m, um grande feito porque dos 15 atletas à partida apenas 8 terminaram a corrida. Só nas XXIII olimpíadas (1984) a maratona feminina faz parte do programa.*

“ A participação ou marginalização das mulheres em actividades físicas e desportivas reflecte como a tensão entre permissões e interditos, em cada contexto histórico, deu lugar à definição de espaços e actividades consideradas adequadas para os corpos femininos.”

Teresa Pinto, 2008: 85-86

*Nos espaços do desporto continua a ser enfatizada a feminilidade das desportistas, e dos rapazes esperam-se expressões de uma masculinidade dominante, o que coloca o desporto como mais uma instituição de controlo social.*

O corpo no desporto é actuante mas também admirado, pois as práticas desportivas sujeitam-se a um olhar, profano ou competente, do público no espectáculo e mediatização; e aqui parece ser a imagem que mostra de si mesma que faz a desportista, tal como é a acção que faz o desportista – a feminilidade joga-se no parecer enquanto a masculinidade no fazer. Neste encaço, das raparigas espera-se a escolha de desportos mais estéticos e menos viris e esta tendência não é mais do que uma construção social, que regulamenta as representações e as práticas aceitáveis do corpo e que perpetua a ideia de ser próprio dos homens o ‘fazer’ e das mulheres o ‘agradar’ Este constructo social provoca um sentimento de incómodo e desfiliação nas raparigas que optam por praticar desportos que não se enquadram nas representações do corpo feminino.

*A marca do género nas actividades físicas e desportivas rege-se por aquilo que o corpo deve parecer, as suas formas e seus movimentos, e dita normas comportamentais que redundam em formas opressivas que operam sobre o corpo, resultando em corpos extremamente censurados nas suas expressões, cerceados nas suas vivências, empobrecidos.*

As actuações dos corpos transgridem, não raras vezes, estas tácitas configurações de controlo e as práticas desportivas podem constituir uma forma de empoderamento social por serem espaços onde se desafiam estereótipos de feminilidade e de masculinidade. Mulheres que praticam desportos associados ao masculino, com corpos fortes e musculosos que mostram com orgulho, que lutam e resistem à ideia de uma essência feminina frágil, que são notícia pelo que fazem e alcançam, obrigam-nos a repensar o modo como olhamos o corpo e os julgamentos que a partir daí compomos.

Homens capazes de promover movimentos corporais graciosos e suaves abalam crenças acerca do que sancionamos ao masculino.

Novas formas de olhar os corpos e suas produções promoverão possibilidades de novas corporeidades no sentido de valorização da educação e formação de crianças e jovens.

A este propósito, ver ficha de exploração do filme *Billy Elliot*, no capítulo “Propostas de actividades a desenvolver em Psicólogos/as”.

“ Entende-se por técnicas corporais as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos. (...) Em todos os elementos da arte de utilizar o corpo humano, os factos da educação dominam. A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação, de uma imitação prestigiosa. (...) O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita actos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O acto impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um acto exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do acto executado à sua frente ou com ele pelos outros.

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o acto ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No acto imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto, é condicionado pelos três elementos indissolúvelmente misturados”

Marcel Mauss, 1934: 211, 215

E este assumir do corpo promoverá impactes significativos nos papéis e nas relações sociais de mulheres e homens e na ordem de género.

A escola deve repensar o seu posicionamento/ estrutura em função da consciência das igualdades e diferenças de rapazes e raparigas, da realidade sexuada e da presença das questões de género nas instituições e na vida quotidiana das pessoas. Deve, enfim, propor uma transgressão educando contra ideias pré-concebidas que temos acerca das capacidades e destinos das pessoas em função de terem nascido rapaz ou rapariga. Pressupor que tratar o grupo discente de igual modo, não considerando, entre outros aspectos, se são alunos ou alunas é um erro, que inviabiliza qualquer plano de acção de mudança face a uma sociedade profícua em desigualdades de género.

As questões de género estão presentes e atravessam muitas áreas da vida das pessoas, mas existem muitos espaços de acção a partir dos quais se podem e devem promover mudanças, como seja a educação. Neste sentido, não podemos ignorar, nem tampouco desprezar, que as actividades físicas e desportivas, pela sua importância social e cultural, têm o potencial de agir como agente de mudança da ordem de género.

Estamos a referir-nos, assim, que a educação não pode esquecer a corporalidade porque só assim ajudará a situar as formas pelas quais pensamos, sentimos e movemos os nossos corpos, e que nos permitirá estar cientes da sua relação com os sistemas e estruturas culturais em que os significados são criados e questionados.

